

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Steffany Christine Duarte Bertoldi

MONALISAS: DEBATE ACERCA DA TRANSFORMAÇÃO DE *LA GIOCONDA* EM ÍCONE POP

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Prof. João Alcântara de Freitas

Juiz de Fora

2016

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E

AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, Steffany Christine Duarte Bertoldi, portador do documento de identidade nº MG - 18418691 e CPF nº 12073928633, acadêmica do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201373270A, declaro que sou autora do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **MONALISAS: DEBATE ACERCA DA TRANSFORMAÇÃO DE LA GIOCONDA EM ÍCONE POP**, desenvolvido durante o período de 04/04/2016 a 25/07/2016 sob a orientação de João Alcântara de Freitas, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 25 de Julho de 2016.

Steffany Christine Duarte Bertoldi

MONALISAS: DEBATE ACERCA DA TRANSFORMAÇÃO DE LA GIOCONDA EM ÍCONE POP

MONALISAS: DEBATE ABOUT THE TRANSFORMATION OF LA GIOCONDA IN POP ICON

Steffany Christine Duarte Bertoldi¹

RESUMO

O objetivo do trabalho é apresentar uma narrativa enquanto processo na construção do mito da obra do quadro *Mona Lisa*. Narrativa esta que expõe fatos recônditos sobre sua trajetória que culminou no mito mundialmente reconhecido, reproduzido e principalmente reconfigurado aos moldes atuais da sociedade. A proposta é buscar conjunturas correlacionadas que favoreceram essa perpetuação da imagem não se abstendo a debater valores ligados à aspectos artísticos, mas principalmente no reconhecimento global da obra como um mito sem perder seu caráter aurático ainda que reproduzida no contexto da sociedade contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Mona Lisa; arte; ícone; reprodução

ABSTRACT

The objective of this work is to present a narrative as a process in the construction of the myth of the work of painting the *Mona Lisa*. This narrative that exposes hidden facts about his career that culminated in the myth world recognized, reproduced and mostly rewritten to current society molds. The proposal is to get correlated situations that favored this perpetuation of image not abstaining debating values linked to artistic aspects, but especially in the global recognition of the work as a myth without losing its character auratic even if reproduced in the context of contemporary society.

KEYWORDS: Mona Lisa; art; icon; reproduction

1. INTRODUÇÃO

Mona Lisa é uma obra arte pintada em madeira de álamo pelo mestre italiano Leonardo da Vinci, que posto a investigações, suscita diversos mistérios que a configuram como tal. Quadro este, provavelmente é o retrato mais famoso da história da arte e de valor incalculável. Para alguns, a *Mona Lisa* é uma decepção devido ao seu tamanho, mas para outros, é uma experiência inesquecível poder observar a dama florentina sorrir.

O objetivo deste artigo é, analisar o processo de desenvolvimento na construção do mito que extrapola a obra *Mona Lisa* (1503-1506), de Leonardo Da Vinci. Há uma concepção no conjunto de elementos interconectados que transcendem a obra além de um puro e simples retrato de uma mulher que não ri, mas demonstra comedimento ao inclinar o canto da boca.

O mito da figura da *Mona Lisa* sobrepuja o quadro em si. Ele se desenvolve na construção de sua trajetória de forma que o quadro deriva do contexto artístico para um ajustamento de cunho social, que corrompe com diversos padrões artísticos, incluindo protocolos de aproximação da obra.

Os mistérios que a cercam não explicam em essência a sua popularidade, mas desempenham forte importância no decorrer da criação da história de Lisa, reforçando ainda mais seu caráter singular e hegemônico. Para além da obra, *Mona Lisa* é um ícone da cultura pop, reverberada pela projeção da mídia ao ser fenomenalmente reproduzida. Sua carga simbólica transborda o Museu do Louvre, subvertendo a lógica exclusivista do mundo das artes e permeia várias camadas sociais, inclusive as mais populares. A obra de Da Vinci não é apenas um quadro famoso em um museu, mas personagem de filmes, músicas,

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: steffanybertoldi@hotmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. MSc. João Alcântara de Freitas.

cartões-postais, objetos decorativos, souvenirs etc. A obra que adquiriu uma autonomia enquanto detentora do apogeu da alta cultura no campo das artes, atingiu um *status quo* ao ser inserida nos patamares da cultura de massa.

Diversos artistas utilizaram a imagem da mulher retratada no quadro não apenas para desconstruir padrões artísticos, mas também como forma de divulgação própria, consolidando a obra na posição de mais famosa do mundo.

Ao longo do trabalho coube a nós questionar sobre a veracidade das informações que se tem sobre a obra. As afirmações que retratamos estão sempre passíveis à novas descobertas, posto que se trata de especulações que somente o próprio autor poderia esclarecer a nós. A obra não é datada nem assinada, contribuindo ainda mais para a sua simbologia misteriosa e enigmática.

O presente artigo, consiste em um estudo exploratório, baseado em levantamento bibliográfico e documental. A sua finalidade é esclarecer, desenvolver e modificar ideias diante de problemas ou hipóteses passíveis de estudos. (GIL, 2008)

Esse tipo de pesquisa é executada quando o tema é pouco explorado e as hipóteses precisas tornam-se difíceis formulações. De acordo com o autor, (2008) “pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. (GIL, 2008, p. 27). Lakatos; Marconi (2003) reforça que a pesquisa bibliográfica não se trata de repetir o que foi escrito, mas abordar sobre o tema um novo enfoque, que propicia novas descobertas e conclusões até então não definidas.

A pesquisa relacionada a história da trajetória do quadro é baseada, principalmente, no livro de Donald Sassoon *Mona Lisa – A história da pintura mais famosa do mundo* (2004), posto que o autor teve acesso às instalações do museu do Louvre e ao inventário do museu, assim como ele relata nos agradecimentos, reafirmando sua fonte de pesquisa.

Neste sentido, a proposta é analisar como ocorreu esse processo no desenvolvimento da obra e apresentar uma narrativa do fatos que culminam o fato tal como ele é.

2- LA GIOCONDA

La Joconde para os franceses, *La Gioconda* para os italianos e *Mona Lisa* para a maioria dos países, o quadro de setenta e sete centímetros de altura e cinquenta e três centímetros de largura pintado por Leonardo da Vinci um dos principais mestres do Renascimento, é considerado o mais famoso do mundo. (SASSOON, 2004).



Figura 1: Mona Lisa. (Retrato de Mona Lisa, La Gioconda, Leonardo da Vinci. Fonte:www.dominiopublico.gov.br).

Uma jovem mulher, sentada, a mão direita sobre o pulso esquerdo, a mão esquerda sobre o braço da cadeira de madeira, segurando a borda. O braço da cadeira está paralelo ao plano horizontal do quadro, assim como a parte inferior do corpo, que não é mostrada. Se estivesse sentada olhando para a frente, veríamos somente seu perfil. Mas ela se vira para nós, mostrando três quartos do seu tronco superior. O rosto pálido está quase diretamente voltado para nós. Os olhos, castanhos, estão dirigidos para a direita. A ausência de sobrancelhas acentua a testa larga. Suas faces são rechonchudas. Os cabelos, à altura dos ombros, estão cobertos por um véu translúcido. Usa um vestido sóbrio, escuro. O ombro esquerdo adornado por uma manta grossa, pregueada. A linha do decote deixa a mostra o alto seios. Ela não usa joias. Ela sorri. (SASSOON, 2004, p. 13)

De acordo com Sassoon (2004), o famoso quadro pintado a óleo em pedaço de madeira de álamo, se encontra no Museu do Louvre, identificado no inventário como número 779, dentre os outros seis mil quadros que estão na amostra permanente. Pintado em (1503 – 1506)⁵, a obra possui cuidados especial devido ao tempo e as rachaduras causadas pela tinta e o verniz ressecado. Só pode ser apreciado através de um cordão que limita o público chegar até a obra (MORAES, 2013). Possui uma sala especial, a Salle de la Joconde, onde o quadro “encontra-se num contêiner especial, feito de concreto e protegido por duas chapas de vidro triplamente laminado à prova de bala, com vinte e cinco centímetros de separação um do outro. O quadro está na caixa desde 1974.” (SASSOON, 2004).

O Louvre possui uma política patrimonial que determina no máximo trinta pessoas permaneçam em frente a uma obra do museu, porém, dentre os cinco milhões de visitantes que o contemplam anualmente, a Mona Lisa é a única obra que essa regra é ignorada. No verão, onde o número de turistas se intensifica, cerca de cinquenta visitantes tentam ao mesmo tempo olhá-la e fotografá-la. (SASSOON, 2004).

Nenhuma obra do museu parece ter tanto prestígio quanto a obra de Leonardo da Vinci. Nenhum outro museu do mundo possui algum objeto de exibição que desbanque a popularidade da Mona Lisa.

[...] nem mesmo as esculturas gregas conhecidas, como a *Vênus de Milo* e a *Vitória de Samotràcia* – embora dividam com a Mona Lisa o privilégio, se esta é a palavra a ser empregada, de ter suas localizações assinaladas em todos os mapas turísticos do museu, com placas espalhadas por toda parte indicando onde estão. (SASSOON, 2004, p. 15).

Podemos traçar um paralelo, por exemplo, entre a obra de Delacroix, a *Liberté guidant le peuple* (1930) (Liberdade guiando o povo) – cujas dimensões são de 260x325 cm, abrangendo uma área de 8,45 m², se opondo à 0,41 m² da Mona Lisa de Da Vinci. As duas obras estão no Museu do Louvre, e por meio das imagens pode-se perceber não só a diferença entre as dimensões dos quadros, mas também a aproximação dos visitantes, a forma como se comportam diante as obras e relativa importância que dão em estar diante de obras mundialmente conhecidas.

⁵ Mais adiante será explicado a data do quadro, ainda que aqui não há certeza sobre sua exatidão.



Figura 2: Visitantes diante do quadro Liberdade guiando o povo de Delacroix, Museu do Louvre. Disponível em: https://ouzerooum.files.wordpress.com/2014/08/img_3839.jpg. Acesso em: 09 de Julho de 2016.



Figura 3: Visitantes diante da Mona Lisa na Salle de La Joconde, no Louvre, Paris. Disponível em: <http://cupofjo.com/2014/10/great-idea-for-walking-around-a-museum/>. Acesso em: 09 de julho de 2016.

Moraes (2013) aponta que estudos feitos recentemente puderam esclarecer algumas questões sobre a mulher que é retratada na obra. Supõe-se que se trata de Lisa Gherardini, esposa de Francesco del Giocondo, um comerciante abastado que teria encomendado de Da Vinci, o retrato de sua esposa. Embora Leonardo não tenha datado e nem assinado, supõe-se que o quadro teria sido pintado nos primeiros anos do século XVI (entre 1503 e 1506) em Florença, ocasião em que Leonardo vivia durante essa época.” A pintura foi intitulada “Monna” Lisa, sendo Monna uma contração de Madonna (mia donna, minha senhora)”. (SASSOON, 2004)

No entanto, o que fascina nesse quadro é o fato de representar muito mais do que uma personagem real, sem deixar de sê-lo. Como comentam especialistas, a pintura demonstra muito bem a posição social da personagem que, por trás da sobriedade, vê-se representada em detalhes, como, no caso das vestimentas, pelo largo decote com bordados dourados. Trata-se, então, por um lado, do retrato da jovem esposa de um rico comerciante. (MORAES, 2013, p. 446)

Ainda que posto a estas descobertas, os enigmas sobre a Mona Lisa ainda se fazem presente nos dias atuais. Questionamentos como “Por que a Mona Lisa é o quadro mais famoso do mundo?”, “Quem é ela?” “Onde e quando Leonardo pintou a Mona Lisa?”, “Por que Leonardo guardou o quadro?”, “Por que ela está sorrindo?”, ainda pairam sobre a cabeça de diversos pesquisadores em variados campos. Na época em que foi criada a obra, não se podia imaginar a proporção que sua fama iria tomar, nem sequer os mistérios que a cercariam. Ainda que atualmente adquirimos informações concretas a respeito do quadro, Mona Lisa é e continuará sendo “complexo e diversificado” (MORAES, 2013).

3. O SORRISO CONDECORADO

“Os visitantes que se acotovelam diante do quadro sabem que estão ali porque ela é a mais famosa obra de arte do mundo. Poucos deles sabem por quê. Muitos acham que tem alguma coisa a ver com o mistério do sorriso da *Mona Lisa*”, relata Sassoon (2004, p. 23).

Um dos mistérios que cercam o quadro originou-se no século XIX, posto que anteriormente o sorriso pouco chamava atenção, tampouco era visto como enigmático ou misterioso pois “sorrisos não eram incomuns nos quadros do Renascimento, e são também muito frequentes em esculturas gregas” (SASSOON, 2004). Ao se tratar do sorriso, Prestes (2008) analisa que não há respostas para tal enigma, posto que a obra é vista como “aberta” que permite que o leitor, observador ou ouvinte determine seu significado.

Moraes (2013, p. 453,454) afirma que

Não se pode afirmar, a rigor, que o sorriso misterioso proposto por Da Vinci seja de felicidade, tristeza disfarçada, ironia, desprezo, indignação, sedução ou bom humor, embora qualquer uma dessas emoções possa estar presente. Como preza a Arte, os sentidos são múltiplos em torno do efeito de sentido do mistério.

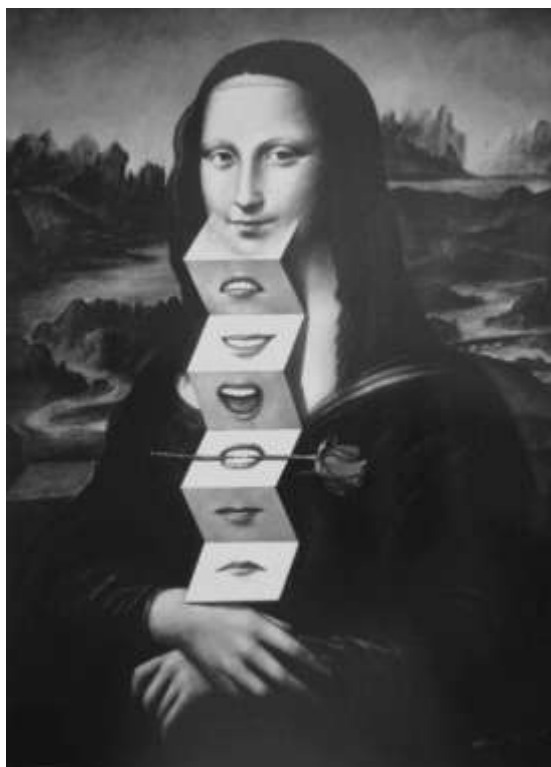


Figura 4: Exemplo de uma das paródias de Mona Lisa que faz referência aos múltiplos sentidos do misterioso sorriso representado na obra. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/410953534730683024/>. Acesso em :17 de Julho de 2016.

Apesar do sorriso de Mona Lisa suscitar diversos questionamentos, há outros fatos que adquirem importância significativa em sua trajetória. Tal como seu criador, Leonardo da Vinci.

Leonardo viveu sobre o apogeu da Era Renascentista (período entre o século XV e século XVI), onde se desencadeou uma “explosão de novas ideias e invenções.” (PRESTES, 2008, p.15). Estudos feitos sobre outras obras do autor, destaca-se o uso de técnicas consideradas “modernas” para sua linearidade temporal. Leonardo não foi o primeiro a produzir uma arte renascentista, mas foi o primeiro a conseguir captar a essência da era artística de forma impecável. O uso da técnica *chiaroscuro*, (em italiano) que consiste no jogo da luz e sombra; o uso de tinta a óleo sobrepondo têmperas feita de gema de ovo; a utilização da técnica de perspectiva; o *sfumato*; que consiste em esfumar expressões faciais criando efeitos embaçados que aumentam a expressividade.

Estes exemplos de técnicas inovadoras, foram todos utilizados na construção da imagem do quadro Mona Lisa. O artista não se limitou apenas nas pinturas, mas também explorou diversas áreas das ciências da época. De acordo com Prestes (2008), Leonardo era perfeccionista assíduo, isso implica na demora de aproximadamente quatro anos para executar o quadro Mona Lisa. “Tivesse Leonardo entregue o retrato terminado, Francesco e Lisa o teriam pendurado na parede e a Mona Lisa poderia jamais ter chegado ao Louvre”, destaca Sassoon (2004, p. 35). Não existem provas que forneçam razões pela qual Da Vinci não entregou o quadro a família Giocondo, contudo isso permitiu que a obra “alcançasse futuramente dimensões globais”, como Prestes (2008, p. 64) afirma.

O quadro pertencente hoje ao museu do Louvre, foi levado para a França pelo próprio pintor Leonardo Da Vinci quando em sua trajetória, foi convidado pelo rei da França Francisco I para trabalhar em sua corte. Há hipóteses de que Francisco I teria comprado a pintura, na qual passou a ser exibida em Fontainebleau e posteriormente no Château de Versailles, ambos palácios franceses. Após a Revolução Francesa, quadro foi exposto no Louvre e durante um tempo ficou nos aposentos de Napoleão Bonaparte, que teria se encantado com a obra. Durante a guerra com a Prússia, Mona Lisa e outras obras francesas, foram escondidas a caráter de segurança e posteriormente expostas no Museu do Louvre.

4-A OBRA NA SUA CONTEMPORANEIDADE

Diversos fatores contribuíram para a fama e a internacionalização da obra, contudo, no século XIX, a mitificação que se tem sobre a Mona Lisa se intensificou. Pela manhã de 21 de Agosto (segunda-feira) de 1911 o quadro foi roubado por Vincenzo Peruggia, um pintor e decorador italiano que havia trabalhado no Louvre. (SASSOON, 2004). Mona Lisa virou notícia e manchete em todos os jornais do mundo, passando assim a condição de ícone global, como afirma Moraes (2013). No dia 22 de agosto o museu estava repleto de policiais. As capas de jornais não abordavam sequer outro tipo de notícia. O Louvre não abriu as portas ao público durante uma semana, era uma espécie de luto, como se algum ente querido houvesse falecido afirma Sassoon (2004). “A verdade absoluta é que jamais houve uma pintura mais próxima da perfeição” (SASSOON, 2004, p. 184), milhares de pessoas iam ao museu para ver a parede vazia que antes, era habitada pela dama florentina.

A Mona Lisa esteve no foco dos jornais, especialmente nas primeiras páginas, durante praticamente três semanas. “Com o passar do tempo, muitas pessoas achavam que Lisa jamais retornaria para o museu. No ano de 1913, a obra chegou a ser retirada do catálogo do Louvre.” (PRESTES, 2008). Aos poucos, a notícia foi sendo esquecida, e já no final daquele ano, a maioria dos franceses já não se lembravam mais do fato ocorrido como Prestes (2008) descreve.

O quadro foi recuperado em 1913 em Florença, posto que Vincenzo com um impulso nacionalista exacerbado, havia roubado o quadro dos franceses com o intuito de devolver a obra a Itália, país de origem onde foi pintada. Posteriormente recuperada, e após disputa judicial do governo francês sobre a permanência efetiva do quadro no país.

Mona Lisa sofreu diversos atentados vandálicos que contribuíram ainda mais para sua fama (MORAES, 2013). Em 1956, o boliviano Hugo Unzaga Villegas, atirou uma pedra sobre a obra que danificou levemente o cotovelo de Mona Lisa, e no mesmo ano, um psicopata jogou ácido sobre a tela, que deteriorou parte inferior da obra, cujo processo de restauração foi intensamente demorado. Em 2 de Agosto de 2009, mais um atentado contra a dama florentina ocorre. Uma mulher russa jogou uma xícara de café contra o quadro, mas a pintura não foi danificada, pois a obra já havia sido protegida pelo vidro à prova de balas que existe até os dias atuais. Segundo o governo francês, a mulher estava revoltada por não conseguir a cidadania francesa, culminando na sua prisão imediata.

Sendo assim, o quadro vira novamente manchete de jornais e revistas do mundo. Esses sucessivos incidentes com a obra, justificam a proteção ao qual ela se encontra atualmente (SASSOON, 2004).

Assim como Prestes (2008) analisa, Mona Lisa passa a ser conhecida até mesmo por pessoas que não conheciam a obra no campo artístico. O processo de desmitificação da obra começou a partir do seu roubo, no qual foram criados artigos como cartões-postais e pôsteres com o intuito não apenas para a reprodução do quadro, mas para ironia e deboche.

Não vamos nos limitar a explicar o conceito de arte, mas utiliza-lo como base para expor as mudanças ocorridas no processo histórico artístico que fazem parte do processo da construção da imagem da Mona Lisa tal como ela é.

Aumont (2002), define arte como experiência comum e pessoal, posto que seus limites e extensão se deslocam, alterando definições. Porém, o autor ressalta que há várias maneiras de definir a arte, pois “cada uma correspondente a primazia de uma ou outra ideologia” (AUMONT, 2002, p. 297).

A arte na visão acadêmica, de acordo com Aumont (2002), possui relação com valores espirituais baseados na cultura grega – valores que devem ser preservados pelo espectador e cultivados na imaginação como a beleza, harmonia e o equilíbrio. A arte não tem e nem deve ter a “intensão utilitária” material, evitando a realidade contemporânea. Sendo assim, a arte Renascentista estabelece um elo entre a arte e o conhecimento onde “pintar é descobrir o mundo, suas leis, seu sentido profundo; pintar é pensar.” (AUMONT, 2002 p, 298). A imagem técnica tem no seu auge o Renascimento, onde os artistas negaram suas imagens anteriores e buscaram criar dispositivos técnicos, juntamente com os conhecimentos científicos da época, com finalidade de objetivar a imagem representada, tendo um total controle do visível, como sugere Miranda (2007).

O século XX foi marcado por profundas mudanças históricas movidos pelo Pós-Guerra, incitando contradições e complexidades. As vanguardas Europeias no início do século foram molas propulsoras que desencadearam diversas críticas ligadas ao campo da arte, pois provocaram grandes rupturas com a tradição artísticas advinda do século XIX.

Correntes como o Dadaísmo, Surrealismo, Fauvismo, Cubismo, Pop-Art, Futurismo, Impressionismo, Expressionismo e Abstracionismo são exemplos de vanguardas artísticas que buscavam a ruptura com o passado e a busca pelo contemporâneo. (ASSIS; SOARES; ESPER, 2009). Artistas como Pablo Picasso, Salvador Dali, Kandinsky, Vincent Van Gogh, Edvard Munch, René Magritte, Kazimir Malevich, entre outros, foram consagrados por fazer apelo a “arte moderna”.

O termo *Pop-Art* surgiu na década de 1950 que atingiu maturidade nos anos 1960, foi designado para referir-se a uma forma de produção de “arte popular” que tem por sua maior inspiração a cultura de massa, contribuindo fortemente para uma “reflexão da cultura capitalista desenvolvida pelo homem” (AMORIM; SILVA, 2013, p. 2,3).

Andy Warhol (1928-1987) foi artista do pop-art norte americano que começou a fazer uso de motivos e artigos de consumo como marcador de reprodução artística ao empregar ícones da publicidade como as Sopa Campbell’s, Coca-Cola e pessoas famosas tais como, Marilyn Monroe e Mao Tsé Tung nas obras de arte (HENRIQUES, 2015). Seu trabalho adquire muita visibilidade ao utilizar esses elementos de cultura de massa, reinventando a arte com a aplicação de recursos de serigrafia, colagens, materiais descartáveis e tintas acrílicas de cores fortes.

Ao empregar o uso da Mona Lisa no contexto do Pop-Art, Andy enfatiza a imagem de Lisa como objeto da cultura de massa que contribui para a sua construção, circulação e valorização. O pop-art corrompe com padrões artísticos estabelecidos e consegue fundir cultura erudita e cultura popular na mesma obra.

A Pop Art utiliza imagens já prontas para criar seus quadros ou emprega elementos do cotidiano em seus feitos. Seria uma manifestação artística que escolhe imagens que já foram processadas pelo coletivo e já estão presentes no imaginário popular. O interesse do artista encontra-se no desprendimento do objeto, colocando-o na monotonia da repetitividade, em um processo de despersonalização ou retirando-o do seu ambiente usual, desconstruindo a cena comum. (AMORIM; SILVA, 2013, p.3)



Figura 6: Exemplo de reprodução de Andy Wahrol com a marca Coca-Cola. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/59391288807738161/>. Acesso em: 04 de Julho de 2016.



Figura 7:Exemplo 2 de reprodução de Wahrol. Figura de Marilyn Monroe. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/304415256035069580/>. Acesso em: 04 de julho de 2016.

Disponível em:

Devido a sua efetiva fama mundial, Mona Lisa foi altamente reproduzida. A inserção da tecnologia de massa, paralelo a internacionalização do quadro foi o *time* ideal para tal feito que se propaga até os dias de hoje. Andy Warhol e Duchamp foram um dos artistas que buscaram representar a Mona Lisa fora do contexto técnico de modelo em que ela se insere. Essa latente necessidade de desconstrução dos paradigmas artísticos, os levaram a representar a Mona Lisa de forma crítica, subjetiva e atual.



Figura 5: Andy Warhol, *Thirty Are Better Than One*, 1963. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/353462270734914902/>. Acesso em: 10 de Julho de 2016.

O artista Marcel Duchamp foi um dos pioneiros no processo de desconstruções sobre padrões artísticos estabelecidos. No começo do século XX, a introdução dos chamados *ready-made*⁶ foi a estratégia usada por Duchamp para afrontar os paradigmas artísticos (CONDE, 2013).



Figura 6: Exemplo de *ready-made* composto por peças de uso cotidiano como roda de bicicleta, um banquinho de cozinha e um mictório, usados numa exposição como desconstrução de padrões artísticos. Disponível em: <http://noholodeck.blogspot.com.br/2011/06/ready-made-marcel-duchamp-1887-1968.html>. Acesso em: 04 de julho de 2016.



⁶ Essa estratégia refere-se ao uso de objetos industrializados no âmbito da arte, desprezando noções comuns à arte histórica como estilo ou manufatura do objeto de arte, e referindo sua produção primariamente à ideia. Disponível em: http://www.catalogodasartes.com.br/Detailar_Link_Historia_Arte.asp?idHistoriaArte=631. Acesso em: 04 de Julho de 2016.

Figura 7: Marcel Duchamp, L.H.O.O.Q. Em em 1919. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/32369691050450979/>. Acesso em: 10 de Julho de 2016.

Duchamp usou uma reprodução barata dela e assim criou o primeiro *ready-made* “assistido” pelos acrescentos. Quanto ao título, jogando com a grafia e sonoridade, ouve-se na pronúncia francesa de “ele a chaud au cul”: “ela tem fogo no cu” ou “rabo quente”. Em princípio, alusão à homossexualidade de Leonardo mas passível de ver com a ironia sobre uma mulher sempre excitante e disponível para o imenso público. (CONDE, 2013, p. 11).

Contudo, em análises de Walter Benjamin (1955), o autor apresenta questões que dialogam com as imagens tecnológicas que são reproduzidas com o enfraquecimento da autenticidade e a perda da aura. Miranda (2007), ressalta que a obra ao ser reproduzida diversas vezes não corrompe apenas as obras do passado, mas apresenta formas originais de arte, sendo a reprodução técnica constitutiva, perdendo em si o caráter de aura. A Mona Lisa é um exemplo claro dessa perda de aura, que é inevitável devido ao processo de comercialização a partir da ascensão do capitalismo.

Entretanto, a arte passou por progressos e a *relativização* passou a ser uma esfera constante nos patamares atuais de concepção artística. Assim como Jacques Aumont (2002, p 299), autor expõe em sua obra

A reflexão sobre a arte em nossa época realizou um progresso, ao registrar esse caráter relativo de definição de arte. Se há hoje uma concepção dominante, é o que se chamou as vezes definição *institucional* da arte, segundo a qual pelo menos no interior de um meio especializado, independentemente das pretensas qualidades intrínsecas do objeto-suporte.

A aura sofre alterações desde que a arte é reconhecida como tal, e cabe a nós estarmos abertos e preparados para aceitá-la. A noção de arte no senso comum é interligada ao passado, e isso pode ser mudado no futuro. Não se trata de desprezar obras cuja aura é estimada por críticos, mas poder admirar e não julgá-las como nem mais e nem menos categoricamente artísticas.

5-ERA DA REPRODUTIBILIDADE

Walter Benjamin (1955), expõe em sua obra que ao se tratar de arte, ela sempre foi passível à reprodução. Desde os primórdios como a xilogravura, o qual foi a primeira técnica de desenho a ser reproduzida, avançando pela litografia, tida como uma técnica nova de reprodução onde a imagem reproduzida passou a ser comercializada, possibilitando novas criações e dando abertura para interpretações da vida cotidiana. Ainda que a litografia seja caracterizada como uma técnica inovadora, ela é limitada, e a fotografia se insere na reprodução acompanhando o processo de aceleração cultural. “Pela primeira vez no processo de reprodução da imagem, a mão foi liberada das responsabilidades artísticas importantes, que agora cabiam unicamente ao olho. (BENJAMIN, 1955, p. 1).

Ao falarmos de reprodução técnica, estamos no referindo a processo que tem por objetivo determinado resultado, seja no campo das artes, da ciência, tecnologia ou qualquer outra atividade. Miranda (2007) cita que as reproduções em larga escala não só representam uma mudança de suporte, mas também altera a relação do sujeito com as obras de arte e em geral com as imagens. Passamos de uma imagem técnica para tecnologia da imagem, cujo processo se consiste na impessoalidade.

A emergência das imagens recriadas através da massificação das fotografias, da criação do cinema e a invenção do computador a partir da década de 1950 - passaram a influenciar de forma decisiva como a sociedade contemporânea é interpretada. De acordo com Miranda (2007), a quantidade e as mobilidades do intercâmbio de imagens são cada vez maiores. “Questões como a massificação da cultura e a reprodutibilidade da arte atravessam não apenas a esfera macro político-sócio-econômica, mas a subjetividade contemporânea.” (MIRANDA, 2007, p. 26). Sendo assim, a imagem atua no plano sensível, trabalhando como mediadora entre a relação do homem com o mundo.

Contudo, a reprodutibilidade técnica da imagem começa a entrar no mesmo nível que a oralidade, submetendo ao processo profundas transformações de procedimentos artísticos, colocando a arte cinematográfica em voga. (BENJAMIN, 1955).

A partir da ascensão do capitalismo e as transformações ocorridas ao longo do processo de reprodução, fizeram com que o público recebesse e aceitasse cada vez mais a presença de tecnologia, propiciando à população, ferramentas que possibilitassem essa explosão de conteúdo de criação (AMARAL, 2014). Assim como cita a autora, a introdução da câmera Kodak no mercado, foi uma

demarcação na abertura quanto à possibilidade de criação, posto que a tecnologia passou a permitir a expressão subjetiva do indivíduo.

Na fotografia amadora, o indivíduo consegue manifestar suas emoções e registrar sua vida. As máquinas fotográficas se apresentam numa relação mediadora entre o homem com o mundo, e esses avanços tecnológicos alteram a percepção do indivíduo contemporâneo. (MIRANDA, 2007)

As imagens caíram no domínio comum, fazendo com que mantenhemos outro tipo de relação com elas. Tal fator deve-se a constatações que as imagens também mudaram seu próprio estatuto. A possibilidade de sua reprodução infinita coloca-se, ao nosso ver, como um eixo central para esta transformação de que estamos nomeando de cultura de imagem. (MIRANDA, 2007, p. 27)

Portanto, o desenvolvimento da reprodução das imagens se dá em um forte aceleração o qual não se via apenas a necessidade de captar a realidade, mas sim de “enganar”, “através da técnica de *stop-motion*, onde interrompia-se o funcionamento da câmera durante a gravação, sem modificar sua posição, alterando elementos na cena para criar efeitos.” (ALVES, 2015 p. 7).

O aperfeiçoamento da técnica de *stop-motion* dá a origem a criação dos filmes de animação, superlotando os cinemas que posteriormente o público passou a perder o interesse. Artistas como Emile Cohl e Winsor McCay que tendo em vista a preocupação com a estética da produção, “resgataram o público e levaram a animação ao campo da arte” (ALVES, 2015, p. 7).

A criação de estúdios e descobertas de equipamentos técnicos como o acetato, permitiram o processo de criação da animação menos trabalhosos e a sua ascensão foi entre 1928 e 1940, assim como afirma a autora. Nos anos de 1950 e 1960, os artistas passaram a utilizar os recentes computadores eletrônicos digitais no processo de experimentações artísticas. (ALVES, 2015).

Assim como sugere Benjamin (1955) que a arte sempre foi passível de reprodução, o quadro de Mona Lisa não foi apenas reproduzido na inserção do capitalismo e das tecnologias pelos artistas como Duchamp ou Warhol. Desde o século XVIII essas cópias já eram estabelecidas. “As várias cópias feitas das obras de Da Vinci comprovam a admiração que a sua arte despertou. Naquela época, as informações sobre um trabalho propagavam-se através das reproduções e dos comentários”, analisa Prestes (2008, p.60).

Sassoon (2004) relata que desde o século XVI já haviam várias mulheres sendo retratadas na posição conhecida como “*Gioconda*” e que provavelmente há cerca de 16 ou 17 cópias de Mona Lisa expostas em diversos museus da Europa e dos Estados Unidos, das quais a hipótese é de que tenham sido encomendas por mulheres que desejavam ser pintadas no estilo da obra de Leonardo da Vinci. “Aproximadamente cerca de sessenta cópias, imitações e derivações, foram pintadas até o final do século XVIII.” (SASSOON, 2004 p. 51).

6- MONA LISA ITINERANTE

O quadro antes de residir permanentemente na França, foi alvo de disputa política entre Estados Unidos e França, posto que o Louvre não concorda com a prática, afirmando ser altamente ariscado tamanha façanha. “A peça de madeira de quinhentos anos poderia rachar-se à menor variação de temperatura. A maioria dos especialistas concordavam com isso.” (SASSOON, 2004, p.251).

Não havia possibilidade de mandar a *Mona Lisa* por avião, não em 1963. “Ela” precisaria viajar de navio, como uma rainha. Foi então transportada para Le Havre, acompanhada por uma escolta de guardas em motocicletas, e recebeu as “boas-vindas” do capitão do navio *S.S France*

- a companhia de navegação prontamente aproveitou-se do episódio para uma campanha publicitária. Ela foi instalada em uma cabine especial de primeira classe, sob condições especiais, numa caixa feita para este propósito, à prova d’água, e que flutuaria, caso o navio naufragasse. Em outras palavras, ela estaria mais segura do que os passageiros e a tripulação
- afinal de contas, o mundo é cheio de marinheiros e turista, mas há apenas uma única Mona Lisa (SASSOON, 2004, p. 251)

Porém, as batalhas políticas se sobrepuserem em relação a obra e Mona Lisa foi enviada aos Estados Unidos e ficou em exposição na National Gallery of Art de 8 de Janeiro a 3 de Fevereiro de 1963 em Washington, e no Metropolitan Museum of Art em Nova Iorque, de 7 de Fevereiro a 4 de Março do

mesmo ano. Foi vista por cerca de um milhão e seiscentas mil pessoas. (CONDE, 2013). Também a caráter de exposição, passou pelo Japão em 1974 e foi exposta no Tokyo National Museum de 17 de abril a 11 de junho.

A visita da Mona Lisa a Washington, em 1963, [...] não rendeu muitos resultados no que concerne às relações entre a França e os EUA, mas favoreceu enormemente o renome da *Mona Lisa*, agora já ultrapassando de longe qualquer rival em potencial na posição de a mais famosa obra de arte do mundo. (SASSOON, 2004, p. 250).

Conseguimos perceber que a figura de Mona Lisa culminou em pauta nos mais em diversos aspectos, assim como nas artes, na economia e na política. A disputa pela obra, alcançou níveis globais, atingindo as mais diversas camadas sociais. Pessoas de diversas parte do globo, dispunham do seu dinheiro e tempo para dedicar-se a admirar o quadro, nem que fosse por apenas segundos. Esse caráter utópico da obra, não se perdeu ao longo do tempo e cada vez mais vem sendo reforçado por meio de diversas mídias.

7-CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mona Lisa é um paradigma que fomenta diversas diretrizes de pesquisas e os mistérios que a cercam contribuem ainda mais para reiterar sua condição de ícone global. Questões estas que talvez nunca serão reveladas, posto que somente seu criador poderia respondê-las. São estas incertezas que fazem o quadro se tornar cada vez mais popular.

Para Sassoon (2004), os segredos em torno da obra não são capazes de justificar a fama do retrato, mas têm participação importante no desenvolvimento da história de Mona Lisa, além de estimularem a *ideia* de tratar-se de uma obra especial, revolucionária, como o próprio autor afirma. *Lisa* é uma obra que foi materializada e acompanhou o processo de transformações ocorridas ao longo do tempo.

São diversos fatores que a compõe como tal, não obstante apenas por questões técnicas, de estilo, autoria ou até mesmo por enigmas existentes ou criados.

No desenvolvimento da história da arte do século XIX, segmentando a história da arte da arte da apreciação, pesquisadores se esforçam para encontrar respostas para as questões da Mona Lisa. Assim como Sassoon (2004, p.23) esboça: “Quanto mais investigamos o passado, particularmente o passado distante, menos podemos nos assegurar a respeito de questões de identidade e atribuição.” Ainda que não seja possível analisar todos os questionamentos existentes sobre o quadro da Mona Lisa, esse trabalho tem por objeto esboçar alguns relatos que segundo críticos e autores, são os mais consideráveis para uma análise da construção do mito. Postos a investigações e ainda que nunca descobertos, Mona Lisa sempre será cultuada.

Não podemos nos abster a conclusões, mas a proposta do trabalho é entender as motivações que levaram-na a ser como tal é, posto que a Mona Lisa é uma obra de arte que consegue deslizar entre conceitos divergentes sem perder seu culto de admiração. “Na ascensão a ícone global, a imagem de Mona Lisa presta-se a quase tudo, *high* e *pop*, *classic* e *cool*. (CONDE, 2013, p. 26). O quadro é inquestionavelmente produto da alta cultura: pintado por um dos grandes mestres do Renascimento, comprado pelo rei da França, exibido no mais famoso museu do mundo numa das maiores metrópoles do mundo (SASSOON, 2004).

Ao mesmo tempo em que é reconhecida como uma das maiores obras de arte da cultura ocidental, preservada em uma sala especial, com vidros blindados e protegidas por seguranças, a reputação mundial da Mona Lisa a tomou parte da cultural popular, sendo diariamente reproduzida, ressignificada e interpretada por pessoas de diferentes partes do mundo.

8-REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Camila Moura. Animação em movimentos de repetição. Uma ênfase nas possibilidades do formato GIF. 2015. Universidade Estadual Paulista. São Paulo, 2015.

AMORIM, Cristianne Patricia de Melo; SILVA, Marcella Rodrigues da. *Hibridizações: Andy Warhol e os discursos publicitários*, 2013. VICONECO, UERJ. I Congresso de Estudantes de Pós-graduação em Comunicação – UERJ | UFF | UFRJ | PUC-RIO | Fiocruz. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013.

ASSIS, Carlos; SOARES, Ana Luiza; ESPER, Gabriel. ANDRADE, Emílio; Rogério, HENRIQUES (org.) *A Arte do Século XX como a Exaltação de todos os Sentidos*. Contemporâneos, Revista de Artes e Humanidades, N.3, NOV-ABR 2009. Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, 2009.

BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. Tradução de José Lino Grünnewald. *A idéia do cinema* (Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1996). Os Pensadores, Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1955.

CONDE, Idalina - *Andy Warhol com Leonardo: de Monalisa a Cristo (1ª Parte)*. Lisboa: CIES-IUL, 2013 (CIES e-Working Paper, 156).ISSN 1647-0893

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6ª Edição. São Paulo: Atlas S.A, 2008.

HENRIQUES, Rosali Maria Nunes. *O ensino de artes visuais para terceira idade: Uma experiência com a imagem da Mona Lisa*. 2015. Escola de Belas Artes da UFMG. Belo Horizonte, 2015.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos da Metodologia Científica*. 5ª Edição. São Paulo: Atlas S.A. 2003.

MIRANDA, Luciana Lobo. *A cultura da imagem e uma nova produção subjetiva*. *Psic. CLIN.* Rio de Janeiro, VOL.19,N.1,p.25 – 39, 2007.

MORAES, Érika de. *Mona Lisa: sentidos múltiplos de um sorriso enigmático*. *Delta*, São Paulo, v. 29: Especial, 2013, pg (443-465)

PRESTES, Mariana Gomes. *Sorria! A Mona Lisa está na publicidade*. 2008. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.

SASSOON, Donald. 2004. *Mona Lisa - A história da pintura mais famosa do mundo*. São Paulo: Editora Record.